



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO  
CURSO DE JORNALISMO**

**MYRLLA RAFFENE DOS ANJOS**

**FOTOJORNALISMO E IDENTIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE DAS  
FOTOGRAFIAS DE AMANDA OLIVEIRA E NAYARA JINKS**

**CAMPINA GRANDE  
2022**

**MYRLLA RAFFENE DOS ANJOS**

**FOTOJORNALISMO E IDENTIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE DAS  
FOTOGRAFIAS DE AMANDA OLIVEIRA E NAYARA JINKS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado à Coordenação do Curso de  
Jornalismo da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Bacharela em Jornalismo.

**Orientador: Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo.**

**Campina Grande  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A532f Anjos, Myrila Raffene dos.

Fotojornalismo e identidade negra [manuscrito] : uma análise das fotografias de Amanda Oliveira e Nayara Jirks / Myrila Raffene dos Anjos. - 2022.  
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Mélo, Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Fotojornalismo. 2. Fotografia documental. 3. Identidade negra. 4. Representatividade. I. Título

21. ed. CDD 070.4

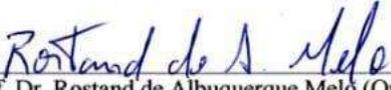
MYRLLA RAFFENE DOS ANJOS

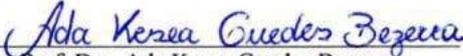
FOTOJORNALISMO E IDENTIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE DAS FOTOS DE  
AMANDA OLIVEIRA E NAYARA JINKS

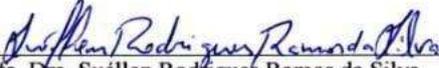
Trabalho de Conclusão de Curso  
(Artigo) apresentado à Coordenação do  
Curso de Jornalismo da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de Bacharela  
em Jornalismo.

Aprovada em: 28/07/2022

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dra. Suellen Rodrigues Ramos da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

---

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	“Caminhos do Sertão” .....	17
Figura 2 –	“8 de março - Marcha das mulheres, Av. Paulista, 2020”.....	19
Figura 3 –	“O breu da mata escura e o silêncio da noite”.....	20
Figura 4 –	"O sorriso amarelo" .....	22

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>FOTOJORNALISMO E FOTOGRAFIA DOCUMENTAL .....</b>	<b>09</b>
<b>3</b>	<b>FOTOJORNALISMO E IDENTIDADE NEGRA .....</b>	<b>12</b>
<b>4</b>	<b>RAÇA E REPRESENTAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>26</b>

## **FOTOJORNALISMO E IDENTIDADE NEGRA: UMA ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS DE AMANDA OLIVEIRA E NAYARA JINKS**

PHOTOJOURNALISM AND BLACK IDENTITY: AN ANALYSIS OF PHOTOGRAPHS  
BY AMANDA OLIVEIRA AND NAYARA JINKS

Myrlla Raffene dos Anjos<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo propõe reflexões sobre conceitos como raça e representação (HOOKS, 2021), a partir do fotojornalismo e da fotografia documental. Tendo como método a análise descritiva de 4 fotos, de autoria das fotojornalistas Amanda Oliveira e Nayara Jinks; sendo 2 produzidas por cada profissional, e veiculadas em perfis de rede social associados a elas. A pesquisa demonstra a importância do trabalho das fotojornalistas na desconstrução de estereótipos racistas, e desenvolve noções de importância que relacionam as obras com definições de empoderamento (BERTH, 2020), e a democratização de histórias - incluindo a maneira como são contadas (ADICHIE, 2009). Ao mesmo passo, levanta questões sobre a soberania de discursos hegemônicos dentro do fotojornalismo, que são centrados no mesmo perfil e desenvolvidos a partir de olhares pouco plurais (MAMANA, 2020); propõe, ainda, análises que sugerem o incentivo à presença de mais mulheres dentro do fotojornalismo como alternativa à descentralização de discursos, e diminuição na difusão de estereótipos - com ênfase para profissionais não-brancas. A investigação observa a presença de mulheres negras produzindo fotojornalismo, e a influência disso na redução da reprodução de preconceitos, e no fortalecimento da pluralidade e diversidade, no contexto comunicacional - com destaque para a fotografia.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo. Fotografia Documental. Identidade Negra. Representatividade.

### **ABSTRACT**

This article proposes reflections on concepts such as race and representation (HOOKS, 2021), based on photojournalism and documentary photography. Using as a method the descriptive analysis of 4 photos, authored by photojournalists Amanda Oliveira and Nayara Jinks; being 2 produced by each professional, and published in social network profiles associated with them. The research demonstrates the importance of the work of photojournalists in deconstructing racist stereotypes, and develops notions of importance that relate works to definitions of empowerment (BERTH, 2020), and the democratization of stories - including the way they are told (ADICHIE, 2009). At the same time, it raises questions about the sovereignty of hegemonic discourses within photojournalism, which are centered on the same profile and developed from little plural perspectives (MAMANA, 2020); also proposes analyzes that suggest encouraging the presence of more women within photojournalism as an alternative to decentralizing discourses, and reducing the spread of stereotypes - with emphasis on non-white professionals.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); e-mail: myrllaraf@gmail.com

The investigation observes the presence of black women producing photojournalism, and the influence of this in the reduction of the reproduction of prejudices, and in the strengthening of plurality and diversity, in the communicational context - especially photography.

**Keywords:** Photojournalism. Documentary Photography. Black Identity. Representativeness.

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar a relação entre fotojornalismo e identidade negra, levando em conta a importância da fotografia enquanto ferramenta de difusão de informações e construção de identidades, considerando o respeito às diversas manifestações culturais, sociais e estéticas. Parte-se, portanto, da análise de 4 (quatro) fotografias, produzidas pelas fotojornalistas negras Amanda Oliveira e Nayara Jinks, para compreendê-las enquanto ferramentas de reconhecimento e fortalecimento da identidade cultural das populações negras, com ênfase para as narrativas contemporâneas de populações periféricas, em cidades das regiões Norte e Nordeste.

Além disso, pretende-se analisar a dimensão do fotojornalismo e da fotografia documental como catalisadores dos processos de reconhecimento e valorização das manifestações sócio-culturais que compõem a cultura afrobrasileira. Levando em conta o reconhecimento dessas profissionais e seus respectivos trabalhos enquanto produção jornalística e manifestação artística, que se contrapõem às narrativas estereotipadas e/ou preconceituosas, fortalecedoras do Racismo Estrutural (ALMEIDA, 2019).

Vale salientar, ainda, a relevância do trabalho das fotojornalistas citadas para desenvolvimento de narrativas sobre as suas realidades, o que ajuda a contrapor o apagamento histórico sofrido por minorias no contexto brasileiro, como as mulheres e a população negra. Amanda e Nayara se tornam, então, referência na produção de narrativas, e tomam para si parte do protagonismo de contar a história de um grupo a partir de um olhar muito específico: o de quem também faz parte dele. Há uma mudança em relação ao ponto de vista a partir do qual são construídas as narrativas visuais sobre os grupos minorizados, apresentando um olhar “de dentro”, refletindo os modos de pensar e agir daquela comunidade.

Fotografias estão especialmente sujeitas a esse tipo de julgamento quando representam membros de grupos sociais ou étnicos diferentes. Essas imagens revelam mais sobre a perspectiva ou visão de mundo do fotógrafo do que sobre a própria pessoa diante da lente. (HACKING, 2018. p. 356 )

Também estão propostas nesta pesquisa reflexões sobre a relação entre raça e representatividade, na fotografia e no fotojornalismo; a análise parcial da importância histórica do papel do fotojornalismo enquanto ferramenta de poder, reflexão, e mudança social, e a percepção de como obras de fotógrafas negras e de origem periférica podem influenciar na autopercepção e no empoderamento de pessoas negras. Além do estudo de obras das fotógrafas Amanda Oliveira e Nayara Jinks, como demonstração da influência do uso de referências negras e da valorização de manifestações afro-brasileiras no processo de autopercepção e representatividade positivas para a população preta, dialogando com o conceito de Autodefinição (HOOKS, 2019).

Consideramos que a construção e o fomento de um referencial com nomes e rostos negros é fundamental para o processo de reconhecimento da população preta, enquanto figuras importantes e representativas, e que ocupam um espaço que historicamente lhes foi negado. Assumir o controle sobre a produção de narrativas sobre si é um elemento importante no caminho de quebrar o silenciamento imposto ao povo negro no contexto brasileiro. Tornando-se ferramenta importante para a composição de imagens positivas a respeito da identidade negra; o que colabora com a ruptura de ideais racistas e fortalece a diversidade, difundindo as noções de aceitação e pertencimento.

A participação no projeto de extensão Luz Negra<sup>2</sup>, desenvolvido no curso de graduação em Jornalismo da UEPB, tornou possível o acesso a um número maior e mais diversificado de referências negras, criando reflexões sobre pertencimento, negritude, e outras questões que influenciam nos processos formativos, referentes às questões etno-raciais. Foi nesse espaço onde eu me reconheci enquanto mulher negra e, ao ter acesso a representatividades positivas e empoderadoras, vi que eu também poderia ter poder e autonomia - e fui incentivada a isso ao longo das atividades. Também foi possível notar como a relação entre raça e representação influencia na autoestima, no desenvolvimento social e psicológico de crianças e jovens negros, e na forma como eles se percebem e se posicionam diante dos outros. E como o acesso a essas referências tem o poder de reformular o olhar que cada um possui sobre si e sobre o mundo. Essa representatividade positiva ajuda a pensar em uma comunicação plural, inclusiva, e que integra diferentes corpos e narrativas.

## **2. FOTOJORNALISMO E FOTOGRAFIA DOCUMENTAL**

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://medium.com/luznegra/about> . Acesso em: 11 de jul de 2022.

*“A melhor coisa sobre uma fotografia,  
é que ela não muda  
mesmo quando as pessoas mudam”<sup>3</sup>*

Andy Warhol

O termo Fotografia, traduzido do grego, possui um sentido próximo a “escrever com a luz” - *photo*: luz e *grafia*: escrever (SOUSA, 2004). O que enfatiza a relação da fotografia com a luz e com os processos técnicos que envolvem a produção de fotos, tendo como exemplo sensibilidade, criatividade, e prática. Fotografar inclui exercício, arte e trabalho técnico; e as imagens vão de lembranças familiares a ferramentas políticas, passando por vários conceitos e compondo uma série de conteúdos, de vários tipos.

A produção de uma fotografia não finda em si mesma. Para além de capturar um instante ela tem o poder de eternizá-lo, ao mesmo passo que confere importância aos elementos e pessoas presentes no quadro. O contrário também é válido, visto que a escolha por não enquadrar algo, seja um objeto, personagem ou acontecimento, é caminho para um recorte específico da história, que vai ou não ser não contada. A prática de contar histórias por meio da fotografia também é desenvolvida a partir de recortes de gênero e estilo, que estão baseados em conceitos técnicos, estéticos e informativos, e dentre os quais destacaremos o Fotojornalismo.

Partindo da premissa de que a fotografia conta e escreve histórias, com luz, técnica e criatividade, o fotojornalismo, por sua vez, retira essas mesmas produções do campo privado, sejam elas memórias afetivas ou produtos, e leva um pouco adiante: essas imagens ganham maior alcance, e chegam à esfera pública assumindo “caráter informativo, histórico e social.” (BOROSKI, 2020). A linguagem fotojornalística tende a ser desenvolvida de modo que a imagem possua um “peso” informativo maior, se comparada a outros elementos, como textos e números, por exemplo - muito embora a construção de sentido do fotojornalismo também faça uso de textos, que ajudam a contar a perspectiva do fotógrafo, o contexto, e as referências.

Nesse espaço, a fotografia é a protagonista; embora também possua o suporte de outros componentes, que colaboram para a sua compreensão. Para tanto, são utilizados elementos textuais - para referenciar, descrever, e detalhar informações; e elementos técnicos, que partem

---

<sup>3</sup> Disponível em

<https://blog.flegui.com.br/blog/2018/11/29/fotografias/>. Acesso em: 04 de jun. de 2022.

da linguagem fotográfica e fortalecem a estrutura semiótica das informações transmitidas a partir da cena em questão, como enquadramento e composição.

A foto jornalística está vinculada a valores informativos e/ou opinativos, e à veiculação num órgão dotado de periodicidade. A relevância social e política, a relação com a atualidade e um caráter noticioso também ajudam a classificar esse tipo de foto. Do mesmo modo, o instantâneo costuma agregar qualidade informativa. (BUIIONI, 2011. p. 90)

O Fotojornalismo também se subdivide em gêneros, que podem ser classificados a partir de critérios técnicos e estéticos, levando em conta a relação entre a forma como foram produzidos e o público alvo que provavelmente irão alcançar. Dentre eles destacaremos o Gênero Documental.

A fotografia documental tende a ser desenvolvida de maneira mais profunda que a maioria dos gêneros fotojornalísticos, com tempo de produção mais longo e a partir de informações mais detalhadas a respeito dos personagens e das cenas retratadas. Uma característica comum às produções de fotógrafos desse estilo é a linha tênue entre a objetividade e a subjetividade, levando em consideração que há a tendência de que o profissional busque “mergulhar fundo no tema que deseja documentar” (ELIAS, 2020, p. 05), o que resulta em trabalhos com um forte apelo social a partir de imagens atemporais, que suscitam emoções e reflexões específicas, a respeito de um determinado assunto.

A necessidade de registrar o modo de vida do homem nas mais variadas manifestações e a relação dele com o mundo, objetivando a criação de efeitos perceptivos que transcendem o que é mostrado, tem sido preocupação dos fotógrafos que se dedicam a esse tipo de fotografia. O propósito é o registro da cultura social e fotografia humanística ao longo dos anos (...). (NASCIMENTO, 2016. p. 32)

A construção de significados é desenvolvida a partir dos sentidos, invisíveis, atribuídos à composição visual obtida através das lentes. O desenvolvimento dessa amplitude torna-se, então, mais consistente quando a ela são atribuídos experiências e reflexões, corroborando com o que MACHADO (2002)<sup>4</sup> considera como “(...) um discurso sensível sobre o mundo”. É

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/o-filme-ensaio/> . Acesso em: 17 jul. 2022.

importante, contudo, refletir sobre de que forma o mundo dessas pessoas está sendo representado, no contexto da fotografia documental. Quais emoções esses discursos criam no espectador, e de que forma essas mesmas reações afetam os grupos que viram assunto dentro do fotojornalismo?

Visto que há uma centralização na maneira como as histórias são contadas, onde as minorias sociais viram pauta de muitos fotojornalistas - e fotógrafos documentais -, inclusive em situações de denúncia e apelo social, ou em contextos de vulnerabilidade. Contudo, elas também são minorias quando pensamos sobre quem está por trás das lentes, contando essas histórias. Há certa urgência em refletir a respeito de como o discurso sobre esses grupos segue institucionalizado nas mãos de quem, muitas vezes, não faz parte deles, e que conta essas histórias de um ponto de vista em partes apartado da realidade retratada.

Desse modo, há a necessidade de repensar as representações desses discursos imagéticos, e as reações disso na esfera pública: se fomentam ou não as desigualdades e a manutenção de poder de um grupo em detrimento de outros, como comenta Galard:

Interrogar-se sobre a legitimidade do olhar preso a uma imagem, preocupar-se com a legitimidade de sua ‘apreciação’, é achar-se estimulado a avaliar os poderes, as virtudes, os eventuais danos, a possível indignidade da atenção estética. É obrigar-se a mensurar a validade desse olhar e dessa atitude fora do campo estritamente artístico (...). (GALARD, 2012, P. 16).

Para além disso, faz-se necessário descentralizar as referências e popularizar as produções; é urgente incentivar a diversidade nas equipes que produzem e nos profissionais responsáveis pelas histórias que são e serão contadas. Descentralizar esse lugar de referência é diversificar o olhar e a construção de narrativas, tornando a fotografia mais plural e democrática, e possibilitando que todos contem sobre suas realidades, como defende o manifesto da Mamana Coletiva, intitulado “Manifesto contra referências gigantes na fotografia” (MAMANA, 2020)<sup>5</sup>

Até hoje, as populações originárias e tradicionais, os corpos negros, as mulheres, corpos com deficiência, gordos, LGBTQIa+ estiveram, majoritariamente, a frente das câmeras como alvo e não como corpo pensante e parte dessas narrativas. Foram marginalizados, sofreram com o apagamento e o abuso de uma profissão essencialmente colonialista, machista, misógina e hegemonicamente protagonizada por homens brancos e de classe média/alta.

---

<sup>5</sup> Disponível em

<<https://mamanacoletiva.myportfolio.com/manifesto>> Acesso em: 28 de maio de 2022.

Homens esses que ocupam e protagonizam histórias a partir de suas percepções, do olhar desbravador - a salvação sobre um lugar, um corpo, uma raça, um gênero desde sua origem.

Nesse sentido, a discussão vai além da ideia de conferir visibilidade ao povo negro, enquanto personagens das narrativas visuais, mas conferir o protagonismo e autonomia, permitindo que se apropriem da linguagem fotográfica, entre outras tantas formas de expressão artística, para assumirem a escrita da própria história e conduzam o processo de construção e difusão de representações sociais sobre o próprio cotidiano.

### 3. FOTOJORNALISMO E IDENTIDADE NEGRA

O rosto predominante, por trás das lentes, é o de fotógrafos homens. Em 2018, as mulheres representavam cerca de 15% dos fotojornalistas em atividade, de acordo com uma pesquisa realizada pela iniciativa online *Women Photograph*<sup>6</sup>, plataforma sem fins lucrativos fundada pela fotógrafa vietnamita-americana Daniella Zalzman<sup>7</sup>. Esse número fica menor ao levarmos em conta a quantidade de profissionais que fazem parte de alguma outra minoria social, como as mulheres não-brancas. Alguns dados levantados pela *Women Photograph* comprovam essa hipótese. A entidade fez um levantamento sobre a identidade dos autores de fotografias publicadas em 2018 nas páginas principais em oito veículos de comunicação de abrangência internacional, sendo cinco empresas sediadas nos Estados Unidos e outras três em Inglaterra, Canadá e França. Os dados apontam que 2.857 fotografias foram publicadas com destaque por esses veículos no decorrer de 2018, dentre as quais 500 foram produzidas por mulheres, o que representa 17,5% do total. Mas quando o recorte é feito especificamente com mulheres negras, são apenas 115 fotografias, totalizando só 4% do total<sup>8</sup>.

Uma alternativa usual para reparar a falta de incentivo ao trabalho dessas profissionais, em contraposição aos entraves com os quais muitas fotojornalistas lidam, tem sido a união e mobilização de mulheres e outros grupos sociais para a criação de coletivos e iniciativas de

---

<sup>6</sup> Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/31/opinion/1546266865\\_425649.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/31/opinion/1546266865_425649.html)> acessado em 08 de junho de 2022

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.womenphotograph.com/the-team>>. Acesso em: 18 de julho de 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://www.womenphotograph.com/data>>. Acesso em: 18 de julho de 2022.

suporte às fotógrafas, como sugere ALCAIDE (2017, P. 131); tendo como exemplo o Mamana Coletiva. A iniciativa, criada em 2016, é um espaço de fomento ao trabalho de fotojornalistas mulheres, e possui, entre outras pautas, a descentralização de referências e o acesso democrático à produção de fotografias no Brasil. A Mamana é composta por fotojornalistas, dos gêneros documental e de rua, e incentiva a produção de imagens, a criação de ensaios, exposições e outras manifestações. O grupo conta com fotógrafas como Amanda Oliveira, fotojornalista baseada em Salvador; e Nayara Jinks, fotógrafa e artista visual, baseada em Belém, entre outras autoras. Os trabalhos das duas fotógrafas citadas constituem o recorte de análise deste artigo.

Amanda Oliveira é Cientista Social e Fotógrafa, formada pela Universidade Jorge Amado (Unijorge). Com atuação em Salvador, é fotojornalista e possui trabalhos nas áreas de fotografia de rua e documental. Participou de 25 exposições e contribui com iniciativas como o *EveryDay Brasil*<sup>9</sup> e Os Brasis<sup>10</sup>, além de ter imagens de sua autoria publicadas no site da *National Geographic Brasil* e em outros veículos, como na revista alemã *SportBild* e na revista brasileira Amarello<sup>11</sup>. Possui obras no Espaço Pierre Verger da Fotografia Baiana<sup>12</sup> e também trabalhou na Secretaria de Comunicação do Estado da Bahia. Pesquisa e produz fotografias sobre a cultura afro-brasileira, como as da exposição “Ibeji Eró” apresentada como um “ensaio composto por 25 imagens de crianças negras, realizadas em diversas localidades do Nordeste e divididas em quatro eixos centrais (rua, futebol, mar e cultura popular)”<sup>13</sup>.

Nayara Jinks é educadora social e fotojornalista documental, baseada em Ananindeua, município da região metropolitana de Belém (PA). Fotógrafa há 13 anos, é formada em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem pela Universidade da Amazônia (Unama) e pesquisadora em artes visuais, com foco em Negritude Amazônica e Narrativas Decoloniais. Colabora com veículos como Amazônia Real<sup>14</sup>, APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil)<sup>15</sup>, *Greenpeace*<sup>16</sup>, *National Geographic*<sup>17</sup> e UNICEF (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância). Além disso, foi indicada ao *World Press Photo*, uma das mais

---

<sup>9</sup> Disponível em <<https://www.everydaybrasil.org/>>. Acesso em 08 de junho de 2022.

<sup>10</sup> Disponível em <<http://brasis.vc/>> acessado em 08 de junho de 2022

<sup>11</sup> Dados disponíveis em: <<https://amandatropicana.46graus.com/resumo-curricular/>>. Acesso em 18 de julho de 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.pierreverger.org/br/acervo-foto/espaco-pierre-verger-da-fotografia-baiana/fotografos-e-acervos-expostos.html>>. Acesso em 18 de julho de 2022.

<sup>13</sup> Disponível em <<http://brasis.vc/oficio-brasis/osbrasis-convida/amanda-oliveira-em-ibeji-ero/>>.

<sup>14</sup> Disponível em <https://amazoniareal.com.br/>

<sup>15</sup> Disponível em <https://apiboficial.org/>

<sup>16</sup> Disponível em <https://doe.greenpeace.org.br/>

<sup>17</sup> Disponível em <https://www.nationalgeographicbrasil.com/>

importantes premiações internacionais de fotojornalismo, e é uma das vencedoras do *reality show* Arte na Fotografia, exibido no canal de TV por assinatura ARTE1<sup>18</sup>, do Grupo Bandeirantes.

Em um país que ainda é racista, e que cresceu por entre a sombra de crimes de caráter escravocrata, o trabalho de profissionais como Amanda e Nayara constrói-se na contramão das histórias que, por tanto tempo, foram difundidas. Levando em conta que o contexto sócio-histórico, as instituições, e as práticas sociais podem ser ferramentas importantes para repensar a situação e os problemas que alcançam a população negra (BERTH, 2020), a fotografia também torna-se uma alternativa prática para reconstruir e restituir posições que foram historicamente negadas à essa comunidade.

(...) nossos aliados nessa luta devem estar comprometidos em realizar esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e autodefinição. (HOOKS, 2021, P. 36)

A obra das fotógrafas mencionadas tem caráter contra-hegemônico, visto que desconstrói o que se conhece por nomes de referência (MAMANA), ocupa espaços que, majoritariamente, são preenchidos por pessoas não-brancas do gênero masculino<sup>19</sup>; desenvolve narrativas que ajudam a compor identidades, atuando contra a manutenção de poder e desigualdades de determinados grupos em detrimento de outros, fortalecidos por discursos hegemônicos (RIBEIRO, 2019); e exemplifica, em partes, o que Hooks chama de autodefinição<sup>20</sup>. As histórias em questão, contadas por meio de imagens, são produzidas por mulheres negras que propõem contá-las a partir de uma ótica que alia diversidade e pertencimento, disparando no sentido contrário aos estereótipos e rompendo com periodicidade de histórias diferentes, mas que se repetem de maneira negligente e superficial, quando escritas por um mesmo olhar que as contam como se fossem as mesmas e únicas (ADICHIE, 2009).

Se fotografar também diz sobre atribuir importância (SONTAG, 2004), repensar a imagem difundida de pessoas que compõem minorias sociais é conferir-lhes importância e poder, além de colaborar para transformações sócio-culturais que surgem a partir disso, em menor ou maior escala. Sendo o Brasil um país desenvolvido sob herança escravagista, o trabalho dos fotógrafos também estende-se à sombra desse passado. Desde às visitas ao estúdio

---

<sup>18</sup> Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/>

<sup>19</sup> Disponível em <https://www.womenphotograph.com/data>

<sup>20</sup> HOOKS, 2020, p. 36

do fotógrafo, que por muito tempo foram símbolo do poder e status de uma elite branca, enquanto a população preta tomou para si papel de coadjuvante nesses mesmos espaços, sendo minoria nas representações de poder; até às situações onde negros eram representados de maneira objetificada, e descritos como “propriedades” de seus senhores (KOUTSOUKOS, 2013).

Reformular essas fotografias e a forma como são feitas também segue rumo ao rompimento com o lugar-comum de histórias que são compostas por estereótipos de cunho racista, e constrói um caminho de reflexão e empoderamento, ao ressignificar a forma como essas imagens são produzidas, o discurso que por elas é transmitido, os espaços que são alcançados e, sobretudo, a forma como elas chegam em pessoas brancas e não-brancas.

Esse fortalecimento também será pautado pela representatividade, pois, à medida que as pessoas negras se veem de maneira positiva nos espaços mais diversos, é que reconhecem e assimilam a possibilidade da própria imagem como positiva. (BERTH, 2020. p. 124)

O discurso também é instrumento de poder, prático e simbólico (BORDIEU, 1989); o que colabora para que o acesso a oportunidades, por parte de determinados grupos, seja diretamente proporcional à sua participação social nas diversas esferas. Também sendo válido o contrário, RIBEIRO (2020. p. 42) ilustra a relevância do ingresso de pessoas negras nesses espaços quando escreve que o direito a ser e estar presente ultrapassa os campos de poder e influência, porque diz sobre preservar a existência de comunidades inteiras: “A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida”.

Assim, percebemos que a persistência da obra de mulheres negras no fotojornalismo rompe com a centralização de discursos e referências; repensa as imagens que em diversas situações são irresponsavelmente atribuídas à identidade negra, e retoma esse olhar a partir de um lugar de fala<sup>21</sup> muito preciso, que consegue atravessar os clichês negativos, e criar outras alternativas ao que foi historicamente difundido.

---

21

#### 4. RAÇA E REPRESENTAÇÃO

A proposição de uma análise descritiva pretende dar conta, em partes, de analisar a aplicação e execução de concepções discutidas e referenciadas neste trabalho, como demonstração do processo técnico e subjetivo que compõe parte da vasta obra das fotojornalistas Amanda Oliveira<sup>22</sup> e Nayara Jinks<sup>23</sup>. Ambas possuem quantidade razoável de produções, onde estão inclusos diferentes gêneros fotográficos; dentro do fotojornalismo, destacam-se pelo acervo de fotografias do gênero de fotografia de rua e do gênero documental - foco desta análise.

Amanda Oliveira - ou Tropicana, como é conhecida na internet - dispõe de um vasto conjunto de fotos de caráter documental, definido por ela como “o ramo mais pessoal da fotografia contemporânea”<sup>24</sup>. Além das obras disponíveis em museus, e compondo conteúdo em uma série de iniciativas jornalísticas, Amanda também compartilha fotos no seu site<sup>25</sup> e nas redes sociais. A imagem abaixo, produzida na cidade de Caetité (BA) e parte da série “Caminhos do Sertão”, é fruto de uma das viagens da fotógrafa pelo sertão baiano. Além do contraste e das cores sobressaltadas, a fotografia atesta uma série de outros detalhes, que ultrapassam conceitos técnicos, e é uma amostra do portfólio virtual da fotojornalista, divulgado na sua conta no Instagram<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup> Disponível em <https://amandatropicana.46graus.com/resumo-curricular/>

<sup>23</sup> Disponível em <https://mamanacoletiva.myportfolio.com/nayara-jinkns>

<sup>24</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/CMu\\_0x0F2Rp/](https://www.instagram.com/p/CMu_0x0F2Rp/)

<sup>25</sup> Disponível em <https://amandatropicana.46graus.com/>

<sup>26</sup> Disponível em <https://www.instagram.com/amandatropicana/>

**Figura 1 – “Caminhos do Sertão”**



Fonte: Imagem de autoria de Amanda Oliveira, disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B5jNaFclEkq/>>.

Os retratos, impressos e emoldurados, são expostos pelas mãos de uma mulher negra do sertão da Bahia. Essa composição, feita pela fotógrafa, fomenta a importância cultural das fotografias nas comunidades antigas e nas sociedades contemporâneas, sugerindo a força da presença delas como memória histórica e afetiva, que compõe parte do que é ou foi uma família (SONTAG, 2004).

Observar essa cena em um país onde, há menos de 200 anos, pessoas negras eram escravizadas e representadas diante de uma câmera como se fossem parte das posses dos seus “senhores” (KOUTSOUKOS, 2013), e ver essas fotos sendo exibidas em outro contexto e com outros propósitos ajuda a reconstruir e fortalecer a história de um grupo social. A composição da cena sugere que elas são motivo de orgulho para quem as expõe, levando em conta, inclusive, que o registro de famílias e personagens negros é parte da contraposição de ideologias racistas, que por tanto tempo invalidaram a beleza da cultura afrobrasileira. Isso eleva a outro patamar de relevância as histórias que, talvez, não ganhassem tanta atenção. Ou que poderiam receber, mas vulneráveis à possibilidade de serem desenvolvidas a partir de uma interlocução menos profunda e mais estereotipada; sobretudo quando contadas por alguém que, diferente da repórter baiana, não compreenda a importância e a subjetividade presentes na cena, marcada

por quem sobreviveu ao Brasil racista e às suas consequências, e que dá sequência ao saberes, à resistência, e à ancestralidade negra.

Cada imagem documenta um assunto singular num particular instante do tempo, e o registro deu-se unicamente em função de um desejo, uma intenção ou necessidade do fotógrafo (...). (KOSSOY, 2012. p. 84)

Além disso, a obra propõe reflexões sobre o campo das representações contemporâneas da negritude (HOOKS, 2021) e outras questões identitárias, presentes em um número substantivo de esferas. Caminhando, portanto, no sentido contrário de uma sociedade que buscou apagar parte da história e dos vínculos afrobrasileiros, e insiste na propagação da pele e traços brancos como padrão de beleza (XAVIER, 2021).

Amanda também exalta a importância dada à beleza negra e à ancestralidade, o que é outro ponto sensível dado o fato de que 1) famílias negras estiveram por muito tempo - e ainda estão - liderando o grupo de pessoas em contexto de vulnerabilidade, sem acesso a coisas tidas como usuais, como o acesso ao estúdio de fotografia, por exemplo; e 2) os relacionamentos também eram palco para discursos racistas: algumas vezes em virtude da aversão aos casamentos interraciais, já que a população preta sofreu opressões e esteve por tanto tempo em lugares de subalternidade. Noutras ocasiões porque essas uniões soavam como uma alternativa para que o crescimento de uma população de pele mais clara fosse inversamente proporcional ao de crianças de pele retinta, como forma de “diluir a negritude até o ponto em que ela desaparecesse” (DEVULSKY, 2021).

A figura 4, apresentada a seguir, é parte do ensaio "Ibeji Eró", onde Oliveira propõe novos olhares sobre as manifestações e expressões de crianças negras, divididos em 4 eixos e distribuídos em 25 fotos. A produção de imagens como esta demonstra o alcance do trabalho da repórter, que ocupa espaços de ressignificação do que foi difundido sobre a cultura afrobrasileira ao longo dos anos, e desenvolve uma crescente de representatividade positiva. O que é especialmente importante ao refletirmos sobre o processo formativo de crianças negras e adolescentes, que podem crescer de maneira apartada das noções de identidade racial, pertencimento e empoderamento, como fruto de traços sociais e culturais que não trabalham em consonância com o fortalecimento da identidade afrobrasileira.



Fonte: Imagem de autoria de Amanda Oliveira, disponível em: <<http://brasis.vc/oficio-brasis/osbrasis-convida/amanda-oliveira-em-ibeji-ero/>>.

Consideramos que Amanda Oliveira retoma a beleza das sutilezas sobre a cultura e as histórias afrobrasileiras, destoa das referências hegemônicas, permite repensar o fotojornalismo e fortalece a relação entre memória, representatividade e empoderamento.

Uma fotografia de fundo amarelo há exatos seis anos foi capaz de me atirar numa experiência de imersão poderosa (...) E tudo ali me dava a entender que aquela mulher tinha uma história semelhante à minha, uma vez que nos parecíamos de alguma forma (...) Se ela era linda, também éramos minha mãe e eu. (NASCIMENTO, 2021, p.15 e 16)

A educadora social Nayara Jinks, membro ativa da Mamana coletiva, também é parte da equipe do *EveryDay Brasil*, colaborando com fotos produzidas em instituições, eventos, lugares públicos, e outros. A iniciativa *EveryDay Brasil* é parte do “Everyday Projects”, nascido em 2012 no continente africano. O projeto surgiu com o propósito de desconstruir os estereótipos que, normalmente, são vinculados à África; e o principal objetivo é ressignificar os discursos preconceituosos, recontando narrativas sobre vários lugares a partir de “boas imagens e histórias” (*Everyday Brasil*).<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Disponível em <<https://www.everydaybrasil.org/sobre>>. Acesso em 18 de jul. 2022

A extensa coletânea de Nayara caminha das *spot news*<sup>28</sup> ao fotojornalismo documental, algumas vezes com imagens que marcam presença em mais de um gênero de fotografia ao mesmo tempo. A foto abaixo foi produzida na Marcha das Mulheres, realizada em 08 de março de 2020 na Avenida Paulista, em São Paulo (SP); e compôs parte da cobertura fotojornalística do *EveryDay Brasil*.

**Figura 3 – “8 de março - Marcha das mulheres, Av. Paulista, 2020”**



Fonte: Imagem de autoria de Nayara Jinks, disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B9fPzKBhw5y/>>.

---

<sup>28</sup> Fotos de caráter inédito, produzidas em momentos “duros” e singulares, e sem dispor de muito tempo para planejamento. (SOUSA, Jorge Pedro. 2004)

A cena capturada destaca o sorriso de uma senhora, já idosa, segurando algo parecido com uma faixa - comum em manifestações e movimentos sociais. A representação de uma mulher negra em um ato público, como a idosa da foto na Marcha das Mulheres, aponta para um debate de muitas camadas, cujo ponto de partida é a cor da pele. Mulheres não-brancas encontram-se em um lugar de vulnerabilidade, cujo peso histórico é ainda maior se compararmos com as de pele clara. As de pele negra foram sujeitas à conjunturas que seguiram desde os crimes de escravização ao racismo, em uma nação de pessoas pretas que eram livres na teoria, mas presas à necessidade de lidar com essa herança escravocrata.

Essas mesmas mulheres, enquanto vítimas de uma cultura racista, compartilham das opressões causadas por questões de gênero, que também são vividas por outras - mulheres que não possuem pele preta. A existência desse grupo, representado pela senhora que foi fotografada na Avenida Paulista, é necessariamente atravessada por essas duas violências, em maior ou menor escala; e, quando em situações de maior vulnerabilidade social, serão no mínimo três opressões diferentes: raça, classe, e gênero. Abaixo das pessoas brancas, do gênero masculino, e de quem faz parte de outras classes sociais, as mulheres negras e pobres compõem, então, a base da pirâmide social (RIBEIRO, 2018), atingidas por opressões que retroalimentam e fortalecem umas às outras, como comenta BERTH (2020. p. 103):

(...) não é possível hierarquizar as opressões, considerando algumas mais urgentes que as outras, e sim olhar a partir de uma perspectiva interseccional, identificando como elas se relacionam e em que elas se somam, potencializando seus efeitos sobre um grupo de indivíduos.

Somado a isso, estão as representações estereotipadas atribuídas a esse grupo, e a suposição de que toda população que o compõe vai estar, necessariamente, presa a alguma dessas classificações. São padrões sócio-culturais, que se agrupam em um ciclo vicioso, alimentando as dinâmicas sociais em virtude do que é reproduzido pelos veículos de comunicação, e vice-versa. Criando a necessidade de que os membros dessa comunidade definam-se enquanto sujeitos ativos, dispostos a repensar e ressignificar determinados conteúdos e as consequências das suas influências.

A ficção contemporânea de mulheres negras focada na construção de identidade e do *self* abre um novo território em que são claramente nomeadas as maneiras como as estruturas de dominação, racismo, sexismo e exploração das classes oprimem e tornam praticamente impossível que

as mulheres negras sobrevivam se não se comprometerem com uma resistência em algum nível. (HOOKS, 2020. p. 110)

Com um passado cercado de memórias cujos relatos sempre tiveram como narrador pessoas alheias à história, e um presente inundado de suposições, a vida das mulheres negras resiste aos estereótipos depois de sobreviver às pequenas e grandes violências diárias. A reivindicação de lugar, espaço, e fala é diária, e exige a ocupação de espaços diversos, como a fotografia. Nayara descentraliza as produções, foge do lugar comum de representar a personagem dentro de algum dos “padrões” usuais, e compõe uma imagem que sugere que, unidas à resistência da marcha de 8 de março estão a disposição de quem sempre precisou lutar, e a alegria por ter o direito de resistir. As mãos da mulher sobre a faixa possuem destaque na cena e, como veremos a seguir com outros, as mãos negras protagonizam muitas das imagens de autoria de Jinks.

**Figura 4 – “O breu da mata escura e o silêncio da noite, 2019”**



Fonte: Imagem de autoria de Nayara Jinks, disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BxGQLjyh9KX/>>.

Na obra da educadora social há forte ocorrência de retratos que dão destaque às mãos, como na imagem anterior. Nayara perdura no caminho das obras que não se comprometem com estereótipos, suas escolhas tendem a ser sobre conotações específicas do momento retratado, ou detalhes que foram ou serão apreendidos, a partir da releitura do que foi captado do personagem por meio das suas lentes. Retomando, sempre que possível, sua escolha de não repetir histórias, ainda que as conte mais de uma vez. As mesmas mãos contam sobre noções diversas, como fé, coragem, delicadeza e redenção. Ao aparecerem cobrindo os olhos da personagem central da imagem, as mãos também simbolizam emoção, apesar de não haver lágrimas sendo mostradas de modo explícito. Elemento recorrente na obra de Jinks, as mãos negras também apresentam marcas de trabalho, dor e sofrimento em diversas imagens assinadas pela fotógrafa.

Outra característica do trabalho de Nayara, mas que não aparece nas fotografias selecionadas para esta análise, é a apresentação de uma estética dura e direta, apresentando de modo explícito cenas de violência, miséria e pobreza. Não com um olhar “externo”, de quem julga ou condena, mas de quem convive com essa realidade. A violência contra animais presos e mortos em mercados públicos surge como uma metáfora sobre a violência sofrida pelos homens e mulheres, que ali vivem e trabalham. O olhar de quem acompanha suas crônicas, contadas por meio de imagens, nunca é exaurido pela repetição de padrões porque, ao mesmo passo que desenvolve composições parecidas, Jinks cria novos relatos sobre aquelas mãos, por exemplo - tantas vezes negras. Assumindo o poder de reinventar caminhos para a cultura afrobrasileira, de modo a adotar forte apelo estético e subjetivo, preservando e respeitando os sujeitos de cada obra.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nayara Jinks e Amanda Oliveira são, portanto, parte de uma resistência. Localizadas em um lugar de intercessão de opressões, são mulheres negras produzindo fotojornalismo nas periferias das regiões Norte e Nordeste do Brasil. E, para além disso, escrevendo histórias contra-hegemônicas, com luz, criatividade, sensibilidade e respeito. Mudando a notícia do lugar comum para atribuir-lhe maior importância e subjetividade, em maior ou menor grau, enquanto

dão aos personagens das fotografias a liberdade de não estarem compondo documentos que dizem apenas mais do mesmo - e que muitas vezes é um “mesmo” raso, frágil, e irresponsável.

Ao mesmo tempo, as fotojornalistas retiram-se deste lugar comum, construído com os espaços ocupados pelos mesmos profissionais, que contam novas histórias com o olhar de sempre - que continua sendo alheio e hegemônico. Elas deixam de ser parte dos relatos contados e passam a ocupar uma zona de autonomia e poder, de quem conta a sua própria história enquanto fotografa outras.

Conclui-se, portanto, que a fotografia e o fotojornalismo são ferramentas de poder e influência, que permitem repensar a relação entre raça e representatividade, e colaboram no desenvolvimento de reflexões sobre a representação de corpos negros, e a construção de saberes. Além disso, podem contribuir para fortalecer a identidade e a cultura afrobrasileiras, historicamente oprimidas, a partir do trabalho das fotojornalistas negras Amanda e Nayara.

Soma-se a isso o fato de escolherem pessoas não-brancas como assunto para compor suas fotografias. As profissionais desenvolvem o trabalho a partir de recortes específicos, que respeitam a estética, as expressões, e a dignidade de uma comunidade que por tanto tempo esteve vulnerável às opressões e à supressão de direitos básicos. As produções são construídas de modo a permitir a fuga dos lugares de alvo, e ocupam o espaço destinado a quem pensa, decide e produz essas narrativas - um lugar que foi, exaustivamente, ocupado pelo mesmo perfil; este, sempre na perspectiva de homens, e em sua maioria brancos.

Retomar esses espaços é reparar parte dos danos de um passado escravagista e de um presente que ainda sofre os males retroativos desses crimes; também refere-se a superar o apagamento histórico, e ressignificar a história única, e os seus perigos (ADICHIE, 2009). O fotojornalismo permite que a história também seja contada por quem a compõe, sem fortalecer, apenas, os olhares alheios à realidade; e incentivando a participação ativa desses grupos para que se autodefinam e contem sobre si. É uma maneira de reconstruir a representatividade, e criar melhores futuros possíveis.

A fotografia, porém, não é apenas um documento por aquilo que mostra da cena passada, irreversível e congelada na imagem; faz saber também de seu autor, o fotógrafo, e da tecnologia que lhe proporcionou uma configuração característica e viabilizou seu conteúdo. (KOSSOY, 2012, p. 79)

As reflexões sobre o uso da internet, para difusão do trabalho de fotógrafos e fotojornalistas, questionam tópicos como a existência dos benefícios de veicular conteúdo em ambientes virtuais; e colocam como pontos sensíveis os assuntos referentes a direito autoral, reprodução e repercussão (ALCAIDE, 2017). Contudo, o uso desses espaços também permite tornar a criação de conteúdos mais democrática, e estende a um número maior de pessoas o domínio sobre o discurso; o que fortalece a pluralidade das narrativas e da forma como são produzidas, desfazendo a dependência de grandes agências e grupos de comunicação para que determinadas fotos ganhem visibilidade e/ou virem notícia.

Embora Oliveira e Jinks veiculem trabalhos em grandes veículos, que também se desenvolvem fora do mundo virtual, a internet ainda é o principal espaço de divulgação das fotografias produzidas. O que, para além da democratização do discurso, também torna mais popular o acesso à informação e potencializa as noções de representatividade e empoderamento, comentadas neste trabalho e presentes na obra das fotojornalistas mencionadas.

Percebemos, portanto, que a presença de mulheres negras no fotojornalismo cria a descontinuidade de ciclos de olhares únicos dentro da fotografia, preenche os campos da representatividade positiva e reconfigura a representação de corpos negros e de outras minorias. Visto que o discurso por elas produzido é, também, sobre autodefinição (HOOKS, 2020). As obras das fotojornalistas permitem repensar imagens e estereótipos, ao mesmo passo que retroalimentam a popularização da construção de narrativas e a reformulação dos nomes tidos como referência dentro do fotojornalismo (MAMANA, 2020). Tornam-se, Amanda Oliveira e Nayara Jinks, “referências” contra-hegemônicas que inspiram novos olhares e comprovam ser possível estabelecer e difundir outras representações sobre o povo negro que possam contribuir para a luta antirracista no Brasil.

**REFERÊNCIAS:**

ALCAIDE, Estela. **Fotoperiodismo 3.0**. Libros.com - 2017. *Ebook*.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The Danger of the Single Story**. 1ª ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2009.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.

BONI, Paulo César. et al. **Fotografia: usos, repercussões e reflexões**. 1ª ed. Londrina: Midiograf, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOROSKI, Márcia. **Fotojornalismo: técnicas e linguagens**. 1ª ed. Curitiba: InterSaberes, 2020.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem**. 1ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2011.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ELIAS, Érico. **Gêneros da fotografia: documental**. 1ª ed. São Paulo: Editora Europa, 2020.

GALARD, Jean. **Beleza Exorbitante: Reflexões sobre o abuso estético**. 1ª ed. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2018.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros: raça e representação**. 1ª ed. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Negros no estúdio do fotógrafo**. 1ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

NASCIMENTO, Ana Cláudia. **Fotojornalismo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora SESES, 2016.

NASCIMENTO, Luciene. **Tudo nela é de se amar**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

XAVIER, Giovana. **História Social da Beleza Negra**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por essa conquista, que não é só minha.

Ao amor dos meus pais, que sempre foi inspiração e incentivo para os meus sonhos.

À minha família: eu sou porque vocês também são. Em especial meus avós: Izabel, tão dona das histórias que me fez querer contá-las também; Francisca (in memoriam), mulher negra que sempre inspirou a força, o afeto e a coragem desta mulher, também negra; e Rufino (in memoriam), que me dizia sempre que eu podia conquistar o mundo, bastava querer.

À família de coração que ganhei em Campina, que foi meu lar quando a de sangue estava longe; em especial à minha tia, Leonilsa, e aos meus amigos Lancellote e Marcella.

Agradeço aos meus professores, principalmente os que aceitaram o convite para compor esta banca; saibam que vocês sempre foram cuidado, inspiração, e incentivo; em especial meu orientador e amigo Rostand, cujo apoio, paciência e estímulo tornaram possível este trabalho.

A todos e cada um dos meus amigos - que para minha felicidade são muitos. Agradeço pelo abraço, pelo suporte e pelas palavras de afeto que sempre me lembraram que, não importando a distância, estariam sempre ao meu lado.

Agradeço, por fim, a todos que de alguma forma incentivaram e inspiraram a produção deste trabalho. Ler e ouvir outras histórias sobre negritude criaram em mim a motivação para falar sobre como elas são importantes para tanta gente, assim como foram importantes para mim.

Portanto, obrigada.